



Ana Paula Araujo
Dinarte Narhan Santos Mendonça

Recebido: 31 de janeiro de 2026

Revisado: 24 de junho de 2026

Aceito: 25 de junho de 2026

Publicado: 30 de junho de 2026

Muito Além do Jogo: futebol feminino na fronteira Brasil-Bolívia

Resumo

Este trabalho discute a fronteira Brasil-Bolívia a partir do futebol feminino, transcendendo o seu propósito esportivo, para observar a sua ampla capilaridade cultural e compreender sua capacidade de ressignificar os preconceitos existentes na fronteira Brasil – Bolívia entre Corumbá-Ladário, estado de Mato Grosso do Sul e Puerto Suarez–Puerto Quijarro, Província de Santa Cruz. Tem por objetivo analisar a Copa Integração de Futebol Amador Feminino, um campeonato anual promovido pela Prefeitura Municipal de Corumbá. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, alinhando investigação teórica com pesquisa de campo e documental. Houve levantamento e análise de dados primários obtidos através da aplicação de entrevistas semiestruturadas junto aos participantes do evento, o ano de 2024, dentre eles, atletas, técnicos e gestores. Os resultados indicam que sua estrutura, periodicidade e comunicação visual valorizam o futebol feminino, historicamente invisibilizado e negligenciado, fortalece sua história e sua memória oficial. Sua estrutura plural, composta por times com brasileira, bolivianas e misto, rompe com a lógica da separação, insurge contra o preconceito, constrói laços de solidariedade, de afeto, de amizade e de vínculo ao lugar. Com isso reafirma o pertencimento socioterritorial e contribui para a consolidação da identidade fronteiriça.

Palavras-chave: fronteira; futebol feminino; pertencimento; identidade; preconceito.

Far Beyond the Game: Women's Soccer on the Brazil-Bolivia Border

Abstract

This paper discusses the Brazil-Bolivia border through women's football, going beyond its sporting purpose to observe its broad cultural reach and understand its ability to reshape existing prejudices on the Brazil-Bolivia border between Corumbá-Ladário, in the state of Mato Grosso do Sul, and Puerto Suarez–Puerto Quijarro, in the Province of Santa Cruz. It aims to analyze the Women's Amateur Football Integration Cup, an annual championship promoted by the Municipal Government of Corumbá. The research methodology is qualitative and exploratory, combining theoretical investigation with field and documentary research. Primary data were collected and analyzed through semi-structured interviews with participants in the event in 2024, including athletes, coaches, and managers. The results indicate that its structure, periodicity, and visual communication value women's football, which has historically been made invisible and neglected, it strengthens its history and official memory. Its plural structure, composed of teams with Brazilian, Bolivian, and mixed members, breaks with the logic of separation, rises against prejudice, and builds bonds of solidarity, affection, friendship, and connection to the place. In doing so, it reaffirms socioterritorial belonging and contributes to the consolidation of border identity.

Keywords: border; women's soccer; belonging; identity; prejudice.

Introdução

A fronteira Brasil-Bolívia, entre Corumbá e Ladário, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, e Puerto Quijarro e Puerto Suarez, Província de Santa Cruz, Bolívia apresenta contradições inerentes ao espaço fronteiriço. Nacionalidades distintas que convergem, interagem e constroem uma identidade própria da fronteira e que, ao mesmo tempo, se repelem com preconceitos mútuos.

É um espaço de alta integração formal e funcional (Oliveira, 2005) e isso significa relações cotidianas de toda a ordem envolvendo trabalho, estudo, atividades culturais. Há um movimento migratório pendular com deslocamentos frequentes de ambos os países (Golin & Assumpção, 2017; Mendonça, 2026). Essa integração provoca conexões e interações sociais e culturais. Como resultado a construção de um multiculturalismo e de uma identidade híbrida, fruto dessas relações. Porém, não legitimada nas relações informais da vida cotidiana.

Destacamos que o conceito de identidade envolve vínculo, relação de semelhança e de sentido comum. Nasce da cultura e carrega em si o sentido de pertencimento territorial (Dias & Araujo, 2024). A fronteira em questão é um espaço de integração, de interação e de disputas. As identidades nacionais são valorizadas e exaltadas, ao mesmo tempo em que, o multiculturalismo e o hibridismo são partes constitutivas da vida do lugar. O fortalecimento do pertencimento e o reconhecimento de uma identidade comum não é simples e está vinculado a promoção de encontros que promovam estes sentimentos.

O futebol pode contribuir nessa direção, pois representa uma prática cultural das massas que insere o indivíduo no coletivo e possibilita a experiência de vivenciar o “nós”, compartilhando emoções, narrativas, memórias e afetos (DaMatta et. al., 1982). Produz o que Alvito (2006) denominou de “territorialidade afetiva”. Se isso é suficiente para quebrar estruturas rígidas de interações sociais baseadas na dominação, na arrogância e no preconceito esse trabalho pretende descobrir.

É fato que os padrões rígidos de vida e de trabalho preconizados pelo produtivismo vivenciado no século XX estão sendo questionados e flexibilizados por estruturas mutáveis e flexíveis. Como afirma Bauman (2001) as transformações culturais e sociais do século XXI resultaram na passagem da modernidade para a pós-modernidade, onde os padrões rígidos de comportamento social estão perdendo espaço. Para Bauman, o momento atual pode ser definido como modernidade líquida caracterizada pela fluidez e pela diversidade.

O que antes era separado, fragmentado, catalogado, definido e colocado em caixas rígidas de comportamento, hoje é dissolvido, misturado, combinado para gerar novas estruturas, objetos e práticas mais fluídos (Calcini, 2013, p. 103).

A fronteira Corumbá e Ladário - Puerto Quijarro e Puerto Suarez é um espaço periférico, integrado ao mundo contemporâneo. Ali observa-se a convivência simultânea entre a modernidade e a modernidade líquida. Há comportamentos rígidos de convivência social e, ao mesmo tempo, relações amplas, cotidianas e pulsantes. Os preconceitos são igualmente intensos. Segundo Oliveira (2005), uma fronteira permeada simultaneamente por integração, conflitos e diferentes formas de desigualdade social. Os brasileiros são os mais preconceituosos, e consideram os bolivianos a partir de uma ótica de superioridade, reproduzindo narrativas de inferiorização cultural e nacional (Siqueira, 2009; Mendonça, 2026).

Na dualidade existente, entre a repulsão e o convívio, o espaço vivido e compartilhado por pessoas de nacionalidades distintas é construído através do entrelaçamento cultural, do multiculturalismo e do hibridismo cultural. Como a identidade nasce da cultura (Dias & Araujo, 2024) a identidade fronteiriça é híbrida, ou seja, resultado da mistura das duas identidades nacionais. Essa identidade fronteiriça é por vezes negada e, por outras, legitimada e acessada quando necessária.

Nesse contexto flexibilização das interações socioterritoriais, percebe-se a revisão das formas de construção do pertencimento, dos vínculos, das relações de semelhança. futebol feminino, legitimado pela Copa Integração, contribui com esse movimento. Em paralelo, e no bojo dessa discussão, a questão de gênero: mulheres no futebol. Um preconceito a mais na análise das relações socioculturais que não se restringe a fronteira em questão, mas que faz parte da vida deste lugar e que passa por questionamentos e atualizações.

Este trabalho analisa a fronteira Brasil–Bolívia a partir do futebol feminino, mostrando como o esporte se relaciona com a cultura local e com os preconceitos presentes na região de Corumbá–Ladário (MS) e Puerto Suárez–Puerto Quijarro (Província de Santa Cruz). O objetivo é discutir a Copa Integração de Futebol Amador Feminino como um instrumento de política pública que contribui para o fortalecimento da identidade fronteiriça.

Procedimentos metodológicos

A metodologia empregada na pesquisa foi desndamentenvolvida a partir da vivência dos pesquisadores em campo, participando da Copa Integração de Futebol Amador Feminino, no ano de

2024, última edição do evento. A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, alinhando investigação teórica com pesquisa de campo e documental. Houve levantamento e análise de dados primários obtidos através da aplicação de entrevistas semiestruturadas junto aos participantes do evento, dentre eles, atletas, técnicos e gestores. Conforme Gil (1999) a entrevista é uma forma de diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação sobre a temática proposta. A escolha da entrevista semiestruturada, possibilitou maior flexibilidade e permitiu novas reflexões de investigação científica (Trivinos, 1987; Manzini, 2003).

Resultados e discussões

O espaço fronteiriço que envolve as cidades de Corumbá e Ladário no Brasil e Puerto Quijarro e Puerto Suarez na Bolívia, é considerado fronteira viva, pela alta integração formal e funcional que possui (Oliveira, 2005, p. 387-390). Essa interação é comprovada por acordos binacionais, intercâmbios, presença populacional significativa. Aliás, a presença do outro, do internacional, é um aspecto central nesta fronteira (Dias, 2023). As cidades são, inclusive, consideradas cidades gêmeas, dada a integração territorial (Brasil, 2014).

Nessa fronteira as identidades nacionais, solidas e rígidas, com seus signos e signos de identificação nacional, coexistem com a identidade fronteiriça, híbrida, fluida e flexível, produto do multiculturalismo e da multiterritorialidade¹. Identidade é uma construção, formada a partir do processo dialético entre o indivíduo e o grupo, inclui a identificação própria e a identificação reconhecida por outros. Nasce da cultura e implica em relação de semelhança, de pertencimento ou de igualdade. Como afirma Hall (2005) as identidades são construídas a partir das raízes culturais (herança, memória, passado) e, também, a partir de mudanças e tendências sociais (futuro). Não é apenas ser, mas, tornar-se.

A identidade social pode ou não estar atrelada a um território. Quando atrelada, ou seja, definida a partir do território, o espaço é parte fundamental de identificação e de pertencimento sociocultural. Assim surge o conceito de identidade territorial ou socioterritorial (Haesbaert, 1999, p. 172).

O pertencimento é intrínseco a identidade. É preciso viver, interagir, fazer parte de algo, criar vínculos, para pertencer, se autoidentificar e se identificar com o outro, com o semelhante. Mathias (2023) afirma que o pertencimento existe na legitimação do outro pelo grupo social, na

¹ Territorialidade é a área de abrangência de uma organização territorial e envolve fundamentalmente identidade, comportamento territorial e interações humanas (Soja, 1971). A multiterritorialidade define-se como a possibilidade de vivenciar, simultaneamente ou sucessivamente, os diferentes territórios (Haesbaert, 2004).

definição de quem pode ou não participar das relações socioespaciais e suscitar a construção de uma identidade coletiva que revise as próprias políticas públicas de pertencimento. Pertencimento e identidade são sentimentos e decisões racionais e irracionais de escolha, construções subjetivas e simbólicas que levam a legitimidade cultural, social e territorial. Não se trata, obviamente, de um processo simples de interação social. Mas é na convivência com o outro que os laços de identificação são construídos.

Na fronteira Brasil-Bolívia estudada isso fica evidente, a identidade fronteiriça é valorizada nas esferas de poder, na lógica formal de pertencimento, visando o acesso as políticas públicas em ambos os lados. Autores como Costa (2012) e Araujo et al. (2015) discutem essa questão e revelam que o uso da expressão “eu sou fronteiriço” construída no hibridismo identitário (nacional e/ou fronteiriço) é acionada de acordo com interesses mais formais do que informais, na lógica de estabelecer um espaço organizado com regras que definem quem pode participar e de que maneira.

Porém, a aceitação do outro e a construção de uma consciência espacial de pertencimento a fronteira é constantemente negada na dimensão informal da vida cotidiana. Os migrantes, pendulares ou não, frequentemente se deparam com uma situação de deslegitimação do pertencimento, como afirma Mathias (2023). Há tensões e preconceitos, que geram exclusões e reafirmam intolerâncias (Araujo et al., 2015).

Soma-se a isso, a construção das identidades de gênero e o preconceito contra as mulheres profundamente enraizado nas estruturas patriarcais que alicerçam as relações sociais, econômicas, culturais e simbólicas no Brasil e na Bolívia. O feminino foi historicamente reduzido ao doméstico, a subordinação e subserviência (Butler, 2019).

No futebol, o preconceito se manifesta através da negação, da hierarquização, e da exclusão. No Brasil, exaltado como uma das manifestações máxima da cultura e da identidade nacional, a participação das mulheres foi historicamente desvalorizada ridicularizada, e chegou a ser proibida entre 1941 e 1979. Como afirma Gomes (2018), o Decreto-Lei nº 3.199, assinado por Getúlio Vargas em 1941, não proibiu explicitamente o futebol feminino, mas estabeleceu que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (Brasil, 1941). Apesar da proibição, as mulheres continuaram jogando futebol de forma clandestina. Essa manifestação de resistência e de rejeição da exclusão levou a revogação oficial do Decreto em 1979 (Vedove, 2021). Na Bolívia o futebol feminino foi igualmente marcado por preconceitos e exclusões, associado à virilidade, à força e ao masculino, enquanto relegavam ao corpo feminino o papel de fragilidade e de docilidade. Em ambos os países, a presença das mulheres no futebol

desafiou os códigos tradicionais de feminilidade e, por isso, sofreu resistência que se expressam tanto no discurso quanto nas práticas institucionais (Goellner, 2005; Mendonça 2026).

É somente a partir dos anos de 1990, que o futebol feminino passa a ser valorizado em ambos os países, mas enfrenta desafios como falta de investimentos, ausência de infraestrutura adequada, invisibilidade midiática, deslegitimação técnica, hipersexualização das atletas, preconceito e necessidade de políticas públicas mais eficazes para promover igualdade de oportunidades. Práticas esportivas não são neutras, ao contrário, são atravessadas por disputas e relações de poder que refletem as desigualdades de gênero, de classe, de raça.

Apesar das dificuldades, o engajamento crescente das jovens atletas e o apoio de entidades civis têm contribuído para ampliar o alcance e a legitimidade da modalidade (Martínez, 2020). A luta por equidade no futebol não se limita a conquista esportiva, mas a disputas mais amplas que incluem representatividade, respeito, valorização e poder, questionando o machismo estrutural e configurando o sentido de pertencimento e de identidade.

A Copa Integração de Futebol Amador Feminino é uma representação desse processo. Uma política pública implementada pela Prefeitura Municipal de Corumbá, por meio da Fundação de Esporte, em 2014, visando a integração e o fortalecimento do futebol feminino no espaço fronteiriço. Uma proposição concreta que embute, simbolicamente, questões profundas que precisam ser discutidas e enfrentadas na fronteira. E que permite uma articulação entre a crítica aos preconceitos identitários e a justiça de gênero no futebol.

Segundo a Prefeitura Municipal de Corumbá, até 2014 a Copa Integração de Futebol Amador era destinada apenas aos homens. Neste ano, o futebol feminino amador foi incorporado e, em 2015, registrou-se um aumento na participação de equipes e jogadoras, o que contribuiu para a consolidação do evento como parte significativa do calendário esportivo do município (entrevista de campo, 2024). Apenas nos anos de 2016 e 2017, por mudança de governo na Prefeitura Municipal de Corumbá e durante a pandemia de covid 19, nos anos de 2020 e 2021, o campeonato não ocorreu (trabalho de campo, 2024). As últimas edições ocorreram em 2024 e 2025 (figura 1).



Figura 1: Comunicação visual edição de 2024 e de 2025 - Copa Integração de Futebol Amador Feminino. Fonte: Fundação de Esportes (FUNEC), Prefeitura Municipal de Corumbá, 2025.

A logomarca do evento traz a força do futebol feminino, com o destaque do nome em primeiro plano, com fonte clara, e com serifa que permite a sustentação do nome “Futebol Feminino”. Salienta, também, que é uma copa de integração e que tem o patrocínio da Fundação de Esportes e da Prefeitura Municipal de Corumbá. Mas, o foco é o predomínio da faixa. As mulheres, historicamente negligenciadas, marginalizadas pelos discursos hegemônicos e pelas estruturas institucionais do futebol, ganham visibilidade nessa comunicação visual. Isso, não só valoriza, como registra, e contribui para a construção de uma um acervo sobre a memória e a história do futebol feminino brasileiro, fronteiriço e sul-americano.

Um processo necessário que, em sua dimensão simbólica e documental, constitui-se como um instrumento de resistência, persistência e ressignificação histórica do futebol feminino. Conforme Mendonça (2026, p. 49), a comunicação visual é um registro que contribui para a reconstrução de uma sociedade igualitária entre mulheres e homens.

Sub-representadas na história oficial da modalidade, muito do que hoje conhecemos advém da iniciativa das próprias mulheres que, de diferentes modos, guardaram registros sobre suas trajetórias, conquistas e frustrações, criando, dessa forma, estratégias para não esquecer aquilo que não deveria ser esquecido. Esses vestígios, guardados em seus acervos pessoais privados, têm sido determinantes para se fazer conhecer o protagonismo das mulheres no futebol, tema ainda pouco abordado na historiografia nacional (Goellner & Macedo, 2024, p. 2).

Vivemos, portanto, um momento de apreço e de legitimação do futebol feminino e essa logomarca da Copa Integração de Futebol Amador Feminino é um registro que contribui não apenas para a recuperação de memórias silenciadas e negligenciadas, mas também para a reconstrução de narrativas que foram, ao longo do tempo, massacradas por uma lógica patriarcal que naturalizou a exclusão das mulheres dos espaços de visibilidade esportiva e restringiu seus corpos ao espaço da casa. Cada documento oficial, cada relato, cada imagem torna-se um marco de ruptura com o apagamento estrutural do protagonismo feminino e do imaginário construído para atrelar o futebol a uma exclusividade masculina.

A periodicidade do evento é um aspecto igualmente importante. Não apenas porque garante a continuidade do evento, mas também fundamenta o pertencimento e a consolidação da identidade socioterritorial fronteiriça, afetando a maneira como as pessoas se reconhecem entre si e com o território (Hall, 2005; Dias & Araujo, 2024). Inscreve o futebol feminino da fronteira Brasil-Bolívia no campo do reconhecimento histórico, social, cultural e territorial. Permite a construção de vínculos entre as atletas voltadas a um propósito comum, promove celebrações, consolida laços afetivos, conecta espaços, características e memórias compartilhadas, fortalece a coesão socioterritorial.

A regularidade contribui, assim, com a quebra dos preconceitos, pois atua como um elemento estruturante do sentimento de vínculo, pertencimento e de identidade socioterritorial. Como afirma uma das atletas sobre a Copa Integração de Futebol Feminino: “na verdade, tira todo esse preconceito porque a gente faz amizade, né, com todas as pessoas que vão [...] então é isso” (entrevistada de campo, atleta boliviana, 2024). Conforme destaca Amaral (2025), o preconceito pode ser compreendido como intolerância, aversão ou ódio irracional em relação ao outro, o diferente. Em relação aos migrantes, o termo utilizado é xenofobia, conceito de origem grega formado pelas palavras *xénos* (estrangeiro) e *phóbos* (medo). Assim, a xenofobia caracteriza-se pelo medo, hostilidade, rejeição e discriminação contra indivíduos de outras nacionalidades.

A ruptura com o preconceito xenófobo, possibilita o encontro, o ver e perceber o outro a partir de outras percepções conceituais. Para Cesco (2012), isso possibilita as interações culturais e fortalece a identidade fronteiriça. Uma identidade singular, construída pela mistura cultural entre brasileiros e bolivianos.

Em paralelo, o machismo é igualmente contestado. Nas palavras da atleta brasileira entrevistada “o machismo ainda é muito forte no futebol feminino... então acredito que participar [...] ajuda nesse sentido de diminuir o preconceito” (entrevista de campo, atleta brasileira, 2024).

Pacola (2021) cita que o esporte, quando associado a políticas públicas eficazes e transformadoras, pode atuar como instrumento de conscientização e promoção da cidadania, seja por meio de seu caráter educativo, seja pela ampla capacidade inclusiva de suas manifestações em âmbito mundial.

Neste sentido, manter um calendário material e simbólico que ritualiza os encontros, organiza os afetos, as memórias e as práticas culturais é importante no processo de rupturas estruturais de rejeição e, ao mesmo tempo, no fortalecimento da identidade fronteiriça. Como os lugares são carregados de sentido e significado não apenas pela localização física, mas, também pelas relações que neles são estabelecidas, carregam-se de memórias, de histórias e de vínculos (Tuan, 1983; Augé, 2005; Cosgrove, 1999, Serpa, 2019).

Portanto, a recorrência da Copa Integração em um mesmo território, ativa a memória coletiva, dota o espaço de sentimentos, promove o reconhecimento mútuo entre os sujeitos, reafirma sua inserção no grupo social e o pertencimento ao lugar (Halbwachs, 2006; Serpa, 2019; Oliveira, 2014). Como menciona Santos (1996), o território é espaço vivido, apropriado pelos sujeitos em suas práticas cotidianas, materiais e simbólicas. Lugar, por sua vez, é um espaço de amor, construído pela afetividade (Tuan, 1983; Serpa, 2019).

A identidade é reelaborada com base em sentidos culturais e de afeto que orientam o processo de reconhecimento (Haesbaert, 2008). As vivências construídas pelas atletas no evento esportivo fortalecem os laços de amizade e os vínculos de pertencimento à fronteira que deixa ser um espaço hostil e torna-se um espaço de afeto.

Na Copa Integração de Futebol Amador Feminino os times podem ser formados por atletas brasileiras, bolivianas e misto, com brasileiras e bolivianas. A edição de 2024 contou com a participação de oito equipes: Esporte Feminino de Ladário, Projeto Força Jovem, Nova Geração, Atlético Corumbá, GAC, Alianza Lima, Projeto Sonhos e Movimento, As Quilombelas. Os times Esporte Feminino de Ladário, Atlético Corumbá e Projeto Sonhos e Movimento são formados por atletas brasileiras e bolivianas. O Alianza Lima é formado apenas por atletas bolivianas. Os demais, apenas por atletas brasileiras (figuras 2 a 5).



Figuras 2 - 5: Equipes Esporte Feminino de Ladário, Alianza Lima, Nova Geração, Equipe GAC.
Fotos: Dinarte Nathan Mendonça, 2024.

A existência de equipes mistas, integradas por brasileiras e bolivianas, emerge como uma estratégia fundamental de desconstrução das barreiras e dos estigmas estabelecidos nas interações sociais informais desta fronteira. Revela-se como um potente dispositivo de afirmação do pertencimento fronteiriço, ao materializar a convivência em forma de time, de união. Representação máxima do hibridismo cultural e da multiterritorialidade, reconfigura a alteridade e ressignifica o “outro” não como ameaça, mas como parte constitutiva de uma identidade compartilhada.

Contudo, também as equipes compostas exclusivamente por bolivianos ou por brasileiras participam desse mesmo processo simbólico, uma vez que a Copa Integração de Futebol Feminino é um campeonato que, enquanto prática esportiva festiva e coletiva, configura-se como um espaço de celebração, encontro e fortalecimentos dos laços de amizade que atravessam e recontextualizam a fronteira.

As vestir a camisa: pertencimento, vínculo, celebração, alegria, sorriso, choro, abraço, angústia, desejo, decepção, dor, afeto, amizade, companheirismo, disciplina, respeito. Nas palavras de Milton Santos (1996), um espaço vivido, afetivo, impregnado de sentimentos que consolidam

identidade e pertencimento. O espaço, construído na afetividade e no amor, se humaniza e os preconceitos se dissipam.

Considerações finais

A Copa Integração de Futebol Amador Feminino é um evento anual, que acontece na cidade de Corumbá, promovido pela Prefeitura Municipal, através da Fundação de Esportes. Para além de um campeonato de futebol é uma experiência necessária e fundamental na dissolução de preconceitos, na consolidação da memória e da história do futebol feminino, e na afirmação identitária que carrega em si a multiterritorialidade.

O torneio não só inclui e valoriza as mulheres no esporte, mas também se configura como um marco político civilizatório que desafia a xenofobia e os estereótipos que ainda permeiam o imaginário social na fronteira Brasil – Bolívia. O futebol como um componente importante da cultura revela-se um instrumento de política pública que atua na resignificação do espaço fronteiriço. Produz um território construído por apropriação simbólica onde os sujeitos reconfiguram as relações não formais a partir de elementos como cooperação, solidariedade e afeto. Na prática, a possibilidade concreta de fortalecimento popular da identidade fronteiriça e de construção do lugar como espaço de afeto, amparo e segurança.

A Copa Integração de Futebol Feminino é igualmente importante ao reforça o futebol feminino, historicamente marginalizado e atravessado por múltiplas camadas de invisibilidade. Portanto, assume um duplo papel de rupturas: contra o sexismo e contra a xenofobia que existe e persiste no espaço fronteiriço. Ao mesmo tempo, contribui para o fortalecimento da identidade fronteiriça, no ritmo das relações estabelecidas cotidianamente no espaço fronteiriço.

O futebol femininona fronteira Brasil – Bolívia ente Corubá-Larário-Puerto Quijarro-Puerto Suarez opera em uma dupla ruptura simbólica: ao mesmo tempo em que confronta os estigmas historicamente impostos às mulheresno universo do futebol, também desestabiliza preconceitos entre o nacional e o intrnacional, presente nesse espaço. O encontro como um componente importante de pertencimento e fortalecimento identitário.

Os jogos dissolvem os limites existentes entre as nacionalidades distintas e transforma o outro, o internacional, em presença, vínculo e partilha. O campeonato não é apenas disputas, mas e sobretudo, gestos de interação, de pertencimento e de celebração de uma identidade fronteiriça comum.

Referências

- Alvito, Marcos. (2006). “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. *Revista Análise Social*, 41(179), 451-474.
- Amaral, Laura Helena dos Santos. (2025). *Práticas pedagógicas docentes voltadas aos estudantes migrantes internacionais matriculados na rede municipal de ensino de Corumbá-MS*. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Corumbá: UFMS.
- Araújo, Ana P. C. de., Conceição, Orsolina F., Carvalho, Luciani Coimbra de. (2015). A arrogância revelada no conflito: bolivianos e brasileiros no espaço escolar de Corumbá (MS). *Revista Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, 5(1), 145-162. <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2509/2588>
- Augé, Marc. (2005). *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da sobremodernidad. Lisboa: Graus Editora.
- Bauman, Zigmunt (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Brasil. Ministério da Integração Nacional. (2014, Março). *Diário Oficial da União*, (56). <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=45&data=24/03/2014>.
- Brasil. *Decreto-Lei n. 3.199*. (1941, Abril 14). <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>.
- Butler, Judith. (2019). *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Canclini, Nestor G. (2013). *Culturas híbridas*. São Paulo: Ed. USP.
- Cosgrove, Denis. (1999). Paisagem, tempo e cultura. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendhal, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ Editora.
- Costa, Edgar Aparecido. (2012). Os bolivianos em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. *Cadernos de estudos culturais*, 4(7), 17-33. <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4692>
- DaMatta, Roberto, Flores, Luiz Felipe B. N., Guedes, Simoni L., Vogel, Arno. (1982). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothke.
- Dias, Suzana Mendes. (2023). *Festival América do Sul e sua importância na consolidação da identidade territorial fronteiriça*. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – MS, Corumbá. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6392>

Dias, Suzana Mendes & Araujo, Ana Paula. (2024). Festival América do Sul: fronteira e identidade em foco. *Revista Observatório de La Economia Latinoamericana*, Curitiba, 22(6), 01-21. doi: <https://doi.org/10.55905/oelv22n6-023>

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Goellner, Silvana Vilodre. (2005). Mulheres e Futebol no Brasil: entre sombras e invisibilidade. *Revista Brasileira de Educação Física Esportiva*, São Paulo, 19(2), 143-151. <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>

Goellner, Silvana Vilodre & Macedo, Christiane Garcia. (2024). Futebol de mulheres no Brasil: a importância dos acervos na produção de histórias invisibilizadas. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, 37(1), 1-20. doi: <https://doi.org/10.64729/an.acervo.v37i1.2051>

Golin, Carlo Henrique; Assumpção, Luis Otavio Teles. (2017). Educação intercultural em escolas fronteiriças: diálogos sobre fricções culturais na fronteira Brasil-Bolívia. *Revista GeoPantanal*, Corumbá, MS, v. 12, n. esp., p. 27–38.

Gomes, Regiane. (2018). *Futebol feminino: a luta das mulheres pelo direito de jogar*. São Paulo: Editora XYZ.

Haesbaert, Rogério. (2004). *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____. (1999). Identidades territoriais. In: Rosendahl, Z. & Corrêa, R. L. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: ed. UERJ.

_____. (2008). Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva geográfico-cultural integradora. In: SERPA, A. (Org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, p. 393–419.

Halbwachs, Maurice. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

Hall, Stuart. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Manzini, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: Marquezine, M. C., Almeida, M. A., Omote, S. (orgs.). *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: EDUEL, 11-25.

Mathias, Dionei. (2023). Pertencimento: discussão teórica. *Revista ALEA*, Rio de Janeiro, 25(1), 166-187. <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea/article/view/57680>

Martínez, L. P. (2020). Mulheres e futebol na Bolívia: uma história de resistência. *Revista de Estudos Latino-Americanos*, 15(1), 78-95.

Mendonça, Dinarte Nathan S. (2026). *O futebol feminino na fronteira brasil-bolívia: um caminho para o fortalecimento da integração territorial fronteiriça?* Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Corumbá: UFMS.

Oliveira, Livia. (2014). O sentido de lugar. In: Marandola Jr., E, Holzer, W., Oliveira, L. *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva.

Oliveira, Tito Carlos Machado de. (2005). Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos. In: Oliveira, Tito C. Machado de. (org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS.

Pacola, Gilson. (2021). *Esporte escolar como fator de integração na fronteira Brasil–Bolívia: uma análise nas escolas municipais de Corumbá-MS. 2021*. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços). Corumbá: UFMS.

Santos, Milton. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP.

Serpa, Angelo. (2019). *Por uma geografia dos espaços vividos*. São Paulo: Contexto Editora.

Siqueira, Kelly Cristiane da Silva. (2009). Brasileiros e bolivianos na fronteira Corumbá/Puerto Suárez: convivência e preconceito. *Revista Tellus*, v. 9, n. 17, p. 123–140.

Soja, E. W. (1971). *The political organization of space*. Washington, D.C: AAG Commission on College Geography.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e lugar*. A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL.

Vedove, Rebeca Dalle. (2021). *Futebol feminino: sua história e a busca pela igualdade*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física). Universidade Estadual Paulista – SP, Rio Claro. <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/ed58c36d-94c9-49a1-81fd-b1f433d5e263>